

Uma visita atemporal ao repertório da Companhia Dos à Deux Crítica das peças da Companhia Dos à Deux

Autor: [Valmir Santos](#)

De São Paulo, SP

Samuel Beckett e teatro gestual. Esse encontro nem tão ponderável assim está na origem da Companhia Dos à Deux, no final dos anos 1990, instada a engravidar o verbo de sentidos e silêncios outros, físicos e simbólicos. Daí a surpresa deste espectador ao cruzar com a referida montagem que batiza o grupo somente no início de 2010, cinco anos após assistir a *Saudade em terras d'água*, sua sexta produção. E, para celebrar de vez, ainda se permitir agora a chance de fruir a gradação de linguagem dos mesmos criadores, *Aux pieds de la lettre*, o quarto espetáculo, de 2001, síntese arguta do espírito artístico que move o duo brasileiro radicado na França.

Artur Ribeiro e André Curti abriram o Ano-Novo teatral na capital paulista com as duas peças-chaves do repertório. No constrangedor espaço da Caixa Cultural, o térreo do edifício do banco na Praça da Sé, eles contornaram a precariedade acústica e a inexistência de arquitetura cênica. Não diluíram um centímetro do rigor minimalista das atuações. Proporcionaram rara oportunidade de conferir em retrospectiva os passos que os trouxeram até aqui.

O rasto atrás em *Dos à deux* captura o sumo de *Esperando Godot*. O galho de árvore suspenso demarca o espaço cênico como que sob a raiz, base na qual é pendurado um guarda-chuva. É sob esse “céu” subterrâneo que despontam as figuras de Didi e Gogo. Rotas, metidas em chapéus que não são coco, em feltro, mas pano que envolve suas cabeças em configuração cônica.

Ribeiro e Curti tocam a dramaturgia de Beckett pelo avesso. Não para descompô-la, meramente. Antes, para alargar horizontes possíveis na decifração das angústias que enseja: a espera inominável, a insuportável presença ou falta do outro ou de si mesmo. Desde a largada, o impasse é colocado sem palavras – ainda que estas sejam deflagradas pontualmente na parte final, ecoando o adjetivo “provável”, um vão em que tudo cabe.

Atores com sólida formação em dança ou bailarinos com sólida formação em teatro, os protagonistas já delineiam a matricial de uma parceria que vai promover uma bem-vinda promiscuidade dessas duas artes. Uma é a costa da outra, a outra é a extensão da uma, campo e contracampo em germinação que escapa aos códigos fechados da interpretação ou da representação. Há um pouco de mímica corporal, de dança contemporânea, de teatro dramático, de instalação performática que alinham uma terceira via, aquela que a companhia traduz como “teatro gestual”: uma lente de abertura maior nas etapas de investigação, processo criativo e recepção das artes cênicas.

Voltando a *Godot*, faz todo sentido que uma moderna dramaturgia revolucionária, que não dá a fábula de barato, sirva como plataforma de voo à contemporaneidade abraçada pela Companhia Dos à Deux. Há 12 anos, Curti e Ribeiro confrontavam as próprias bagagens para embaralhar o jogo de cena sem prejuízo da clareza. Foram pisar o labirinto de Beckett para errar, na acepção mais instigante do verbo. E de lá, o labirinto, talvez não tenham saído até hoje – ainda bem.

É nesse deserto das certezas que vislumbraram uma identidade desterritorializada: sem lugar, língua ou dogma. Brasileiros vivendo em Paris, parecem esquivar-se das ferraduras culturais dos dois lados em busca permanente por autonomia que não os traia nos percursos de prospecção, também ele ininterrupto.

Talvez a mais beckettiana das transcendências concentre na passagem na qual Didi e Gogo disputam um pãozinho... francês. Uma das figuras esmaga o alimento no ápice do embate com a outra, pé sujo do chão. Eis a miséria humana exposta sem retoques feito a bota que sola um rosto para sempre na literatura futurista tão presente de George Orwell.

O espetáculo de primeira viagem carrega resquícios, apesar de sutis, da ânsia por significar o gesto, movimentar-se literalmente no compasso da música do rádio, dar conta fisicamente do que a audiência já vê, ouve ou sente. Por isso, quem sabe, o riso mais desbragado de parte dos espectadores identificados com certo pendor popular em projeto dos mais sofisticados, reconhecemos.

Essas observações só são possíveis porque colocadas em perspectiva com o trabalho posterior a *Dos à deux*, ao qual assistimos na mesma semana. Importa sublinhar, no entanto, que sincronias e contrastes nesses criadores revelam-se em plenitude, regadas e maturadas ao longo dos anos seguintes desde as plantas dos pés.

Aux pieds de la lettre comunica com beleza e dor a linguagem pronunciada na visita a Beckett. Curti e Ribeiro estão mais convictos no modo de narrar em favor de uma atmosfera do inconsciente, porque assim o projeto pede. Descortinam a loucura na interface do sonho e do lirismo, fruto de convivência junto a pacientes de um instituto psiquiátrico da França. Afeitos à susceptibilidade do clown, sem que tal estrutura se sobreponha às variações dramáticas e performáticas do ator e do movimento do bailarino, o resultado é arrebatador.

No porão sugerido pelo espaço cenográfico (um pouco das simetrias formal e temática em *Aux pieds de la lettre* e *Dos à deux* revelam-se no que se esconde sob outras camadas), dois homens vasculham memórias e sensações. Entorpecidos sob drogas medicinais que chegam através de uma janela acessada por escada – mãos do Grande Irmão? -, eles armam lucidez na relação que estabelecem. Reinventam o caos, apropriam-se habilmente dos objetos à volta para erguer um mundo à parte, imaginário e demasiado materializado no diálogo mais uma vez sem palavras com o público.

Como em *Dos à deux*, é recorrente a fricção dos corpos, apoio mútuo, costa a costa para perseverar a dura jornada ao desconhecido. Corpos humanos encalacrados em simbiose com corpos materiais (cadeiras) e intangíveis (vazio) reforçam a dimensão metafísica. O concreto e o visível só o são porque existem vontades interiores que os legitimam em sentimentos, ruminações, esmaecimentos da alma feito o desenho de luz do espetáculo em sua brincadeira com o escuro e o pouco caso com luminescências. Estas repousam em outros lugares para quem busca enxergar ou auscultar diferentes realidades na ficção.

Mais uma vez, nos deparamos com figuras aparentemente insondáveis, deambulando alhures. São particularidades universalizantes, arquetípicas, como aquelas de *Saudades em terras d'água*, montagem apreciada na metade da década, e a partir da qual fomos provocados a religar com o passado da companhia que virou presente, signo da atemporalidade que habita essas dramaturgias.

Uma família, uma ilha, o continente. São as premissas para os laços e rupturas de vidas engolidas pelo isolamento, pela terra que avança sobre o mar e os obriga à mobilidade.

As reminiscências de cinco anos atrás dão conta de um forte impacto visual, uma assertividade plástica que harmonizava com a expressividade visceral e a um só tempo delicada dos atores-bailarinos somados à presença da artista japonesa convidada Lakko Okino. A memória guarda o mar representado por

saquinhos plásticos, enchidos feito bexigas, sob a incidência de uma luz ora azulada ora esverdeada. O tratamento espetacular da cena não demove a densidade da fisicalidade cuja obsessão perfeccionista agora soa mais patente com a proximidade da cena em *Dos à deux* e *Aux pieds de la lettre*.

Com o lastro dessa trilogia pessoal na cachola, realinhamos o projeto artístico dos encenadores, atores e bailarinos da Companhia. Dos à Deux ao patamar dos mais bem-sucedidos na gangorra da dança com o teatro, do teatro com a dança. Prática e pensamento configuram uma escrita poética do corpo sem convenções, imbricando enredo e forma no mesmo barco. Desde já, aguardamos com expectativa o seu novo espetáculo, *Fragments du désir*, que versa sobre diferença e desejo. Estreou em novembro passado, em Paris, e a previsão é aportar no Brasil no próximo semestre. Oxalá, o hiato de nossos encontros sejam mais breves.

[Compartilhe](#)

27 de janeiro de 2010 | [Críticas](#) | [cia dos a deux](#), [teatro gestual](#) | [Comentários](#) »